

Governo festeja, mas já fala em ajuste

Palocci admite que PIB superou as expectativas e alerta para controle da inflação. Importações crescem

Brasília - Reuters

ROMOALDO DE SOUZA E PAULO DE TARSO LYRA

BRASÍLIA - O governo comemorou ontem os resultados da economia brasileira, que apontam crescimento semestral de 4,2% no Produto Interno Bruto, sem descartar a preocupação em manter sob controle a inflação nem perder de vista ajustes que terão de ser feitos no setor de infra-estrutura, mesmo sabendo que muitos deles precisam passar pelo crivo do Congresso.

O ministro da Fazenda, Antonio Palocci, admitiu que "a retomada da economia, de alguma forma, vem até mais forte do que todas as expectativas", e que o governo vai se voltar agora para aprovação de projetos que considera importantes, como as parcerias público-privadas (PPP), a Lei de Biossegurança e a Lei de Falências.

- O Brasil tem todas as condições para construir um período longo de crescimento econômico, mas temos que ser perseverantes nas medidas econômicas e continuar nossa agenda microeconômica - afirmou.

Ainda segundo Palocci, "no horizonte não há obstáculos importantes" que impeçam a retomada do crescimento, mas ele advertiu para a necessidade de "eventuais ajustes" na trajetória da economia.

- Se houver necessidade de

ajustes a fazer, serão feitos. O governo está muito consciente da sua necessidade de coordenar o ordenamento das reformas e das políticas que vão seguir a este crescimento - admitiu, acenando com a possibilidade de alta dos juros em nome do combate à inflação.

A declaração de Palocci reduziu os efeitos positivos do crescimento do PIB no mercado e provocou, em seguida, um desmentido oficial. O ministro se apressou a afirmar que falar de "ajustes" não representava ingerência sobre a política monetária. A atribuição de elevar ou reduzir a taxa básica de juros (Selic, hoje em 16% ao ano, uma das maiores do mundo), lembrou, é do Banco Central.

- Queremos que o Banco Central continue vigilante em relação à inflação. Mas o assunto juros é com o Copom (Comitê de Política Monetária), que tem total autonomia para tomar essas decisões - destacou.

Outros ministros também festejaram o resultado. Para o chefe da Casa Civil, José Dirceu, a notícia do crescimento é boa para o país, mas é melhor ainda "para milhões de brasileiros que queriam e estão começando a trabalhar". Dirceu afirmou também que o governo está empenhado para que haja um entendimento no Congresso e para que sejam votados, durante o esforço concentrado



LULA E PALOCCI comemoram os bons números do crescimento: foco agora é na aprovação de reformas

previsto para este mês, projetos que permitirão a retomada das obras em infra-estrutura.

O cenário, contudo, só é colorido para o governo. A oposição rebate a euforia palaciana, afirmando que não há o que comemorar, diante de um crescimento baseado em um passado de recessão.

- O PIB mostra uma recuperação modesta, diante de um

período de perdas provocado pela herança petista. Dizer que o Brasil vai estar, em breve, entre os seis países mais ricos, é pura empulhação - criticou o vice-líder do PSDB na Câmara, Alberto Goldman (SP), referindo-se às declarações do presidente Lula nesta semana.

Para o líder do PFL na Câmara, José Carlos Aleluia (BA), há uma bolha de crescimento, que

explodirá depois das eleições.

- Os bancos já sinalizaram que os juros vão subir. O BC está segurando (a Selic) - acusou.

O ministro do Desenvolvimento, Luiz Fernando Furlan, alertou, no entanto, que a aceleração do crescimento aqueceu a demanda interna e provocou um aumento de 40% nas importações em agosto. Os dados serão detalhados hoje.